

GELO

## CAPÍTULO 1

Sinto-me sempre mais só quando está frio.

O frio do lado de fora da minha janela recorda-me o frio que emana do meu próprio corpo. Estou a ser atacado de duas direções. Mas resisto constantemente. É por isso que abro um buraco no gelo todas as manhãs. Se alguém se postasse com um telescópio na baía gelada e visse o que eu estava a fazer, pensaria que eu era doido e preparava a minha própria morte. Um homem nu, nesta friagem terrível, de machado em punho, a abrir um buraco no gelo?

Suponho que, na realidade, espero que um destes dias esteja alguém lá fora, uma sombra negra recortada contra toda aquela brancura; alguém que me veja e pense se será possível deter-me antes que seja demasiado tarde. Mas não é necessário deter-me, porque não tenho qualquer intenção de me suicidar.

Há uns anos, depois da grande catástrofe, a fúria e o desespero que me atormentavam tornavam-se por vezes tão avassaladores que pensei mesmo em acabar comigo. Mas nunca cheguei a tentar. A cobardia tem sido uma fiel companheira ao longo da minha vida. Tal como agora, então também pensava que a vida se resume a nunca abrir mão. A vida é um frágil ramo suspenso sobre um precipício. E agarro-me a ela enquanto tiver força para isso. Um dia acabarei por cair, como toda a gente, e não sei o que me esperará. Haverá alguém lá em baixo, para me apanhar? Ou não haverá nada além de um negrume frio e cruel a precipitar-se na minha direção?

\* \* \*

O gelo veio para ficar.

O inverno está a ser duro este ano, no início do novo milénio. Esta manhã, quando acordei na escuridão de dezembro, julguei ouvir o gelo a cantar. Não sei onde fui buscar a ideia de que o gelo é capaz de cantar. Talvez o meu avô, que nasceu aqui, nesta ilha, me tenha falado nisso quando eu era pequeno.

Mas esta manhã, quando ainda estava escuro, fui acordado por um som. Não era nem o cão, nem a gata. Tenho dois animais de estimação cujo sono é mais profundo do que o meu. A minha gata está velha e perra, e o meu cão está completamente surdo do ouvido direito e não ouve grande coisa do esquerdo. Se passar por ele em bicos de pés, ele não dá por nada.

Mas aquele ruído?

Tentei orientar-me na escuridão. Ainda demorei um bocado a perceber que devia ser o barulho do gelo a deslocar-se, embora tenha mais de trinta centímetros de espessura aqui na baía. Na semana passada, um dia em que estava mais perturbado do que de costume, caminhei até ao limite do gelo, onde este se encontra com o mar aberto, e que agora se estende mil e quinhentos metros além do recife mais distante. Isso significa que o gelo, aqui na baía, não se devia deslocar absolutamente nada. Mas, de facto, subia e descia, rangia e cantava.

Fiquei a ouvir aquele som. Ocorreu-me que a minha vida passara muito depressa. Agora, aqui estou. Um homem de sessenta e seis anos, financeiramente independente, vergado ao peso de uma recordação que me atormenta constantemente. Cresci em circunstâncias desesperadas, impossível de imaginar na Suécia de hoje. O meu pai era um empregado de mesa, subjugado e gordo, e a minha mãe passava todo o tempo a tentar esticar o dinheiro. Consegui fugir àquele poço de pobreza. Em criança, passava os verões aqui no arquipélago, a brincar, e não tinha noção da passagem do tempo. Nesses dias, o meu avô e a minha avó ainda eram ativos, não tinham envelhecido a ponto de serem incapazes de se mexer e ficarem meramente à espera da morte. Ele cheirava a peixe e ela não tinha dentes. Embora sempre tivesse sido bondosa para mim, havia algo de assustador no seu sorriso, na maneira como a boca se abria para revelar um buraco negro.

Não parece ter passado muito tempo desde que eu vivi esse primeiro ato. Agora o epílogo já começou.

O gelo cantava na escuridão. Perguntei-me se estaria prestes a sofrer um ataque cardíaco. Levantei-me e medi a minha tensão arterial. Não havia nada de errado comigo, a tensão era de 155/90, a pulsação estava normal, com 64 batidas por minuto. Apalpei-me, para ver se tinha alguma dor nalgum lado. A perna esquerda doía-me ligeiramente, mas dói sempre e não é coisa com que me preocupe. Em contrapartida, o som do gelo estava a afetar o meu estado de espírito. Qual coro fantasmagórico composto de vozes estranhas. Sentei-me na cozinha e esperei pelo amanhecer. As madeiras da casa estalavam e rangiam. Ou era o frio que estava a fazer contrair a madeira, ou talvez apenas um rato a correr por uma das suas passagens secretas.

O termómetro pregado do lado de fora da janela da cozinha indicava -19°C.

Tomo a decisão de fazer hoje exatamente o mesmo que faço em todos os outros dias de inverno. Visto o meu roupão, enfio os pés num par de galochas de cano curto, pego no meu machado e encaminho-me para o pontão. Não demoro muito a abrir o meu buraco no gelo: a área que costumo partir ainda não teve tempo para endurecer de novo. Em seguida dispo-me e salto para a água lamacenta. Dói, mas quando me arrasto para fora tenho a impressão de que o frio foi transformado num calor intenso.

Todos os dias salto para o meu buraco negro, para ter a sensação de ainda estar vivo. Depois é como se a minha solidão se desvanecesse lentamente. Talvez um dia morra do choque provocado pelo mergulho na água gelada. Como os meus pés chegam ao fundo, posso ficar de pé na água: não desaparecerei debaixo do gelo. Ficarei ali de pé, enquanto o gelo solidifica de novo, rapidamente. Será aí que Jansson, o homem que entrega o correio nas ilhas do arquipélago, me encontrará.

Por muitos anos que viva, nunca compreenderá o que aconteceu.

Mas não me preocupo com isso. Organizei a minha casa, na pequena ilha que herdei, como uma fortaleza inexpugnável. Quando subo a colina que se ergue nas traseiras da construção, tenho uma

vista desimpedida até ao mar. Não há lá nada, exceto ilhotas minúsculas e rochedos, cujas silhuetas baixas mal se veem acima da superfície da água ou do gelo. Se olhar para o outro lado, vejo as ilhas mais substanciais e menos inóspitas do arquipélago interior. Mas não há nenhuma outra habitação à vista.

Escusado será dizer que não era assim que tinha planeado as coisas.

Esta casa destinava-se a ser a minha residência de verão. Não o meu último reduto. Todas as manhãs, depois de abrir o meu buraco no gelo ou de imergir no calor das águas estivais, admiro-me com o que aconteceu à minha vida.

Cometi um erro. E recusei-me a aceitar as consequências. Se nessa altura soubesse o que sei hoje, que teria feito? Não tenho a certeza. Mas sei que não precisaria de passar a minha vida aqui, como um prisioneiro, numa ilha deserta nos limites do mar aberto.

Devia ter seguido o meu plano.

Resolvi tornar-me médico no dia do meu décimo quinto aniversário. Para minha grande surpresa, o meu pai levava-me a jantar fora. Trabalhava como empregado de mesa, mas, num esforço obstinado para preservar a sua dignidade, só trabalhava de dia, nunca à noite. Se recebesse instruções para trabalhar à noite, demitia-se. Ainda me lembro das lágrimas da minha mãe, quando ele chegava a casa e anunciava que se tinha demitido outra vez. Mas agora, inesperadamente, ia levar-me a um restaurante. Tinha ouvido os meus pais a discutir se deviam dar-me aquele «presente» ou não, e a discussão terminara com a minha mãe a fechar-se à chave no quarto. Era uma atitude normal nela, quando algo ia contra os seus desejos. Esses eram períodos particularmente difíceis, quando ela passava a maior parte do tempo fechada no quarto. Este cheirava sempre a alfazema e lágrimas. Eu dormia no sofá da cozinha e o meu pai suspirava profundamente enquanto punha um colchão no chão para lhe servir de cama.

Ao longo da minha vida, cruzei-me com muita gente que chorava. Nos meus anos como médico encontrei frequentemente pessoas que estavam a morrer e pessoas que tinham sido forçadas

a aceitar o facto de um ente querido estar a morrer. Mas as suas lágrimas nunca emitiam um perfume que recordasse as da minha mãe. No caminho para o restaurante, o meu pai explicou-me que ela era hipersensível. Não consigo lembrar-me da minha reação. Que podia eu dizer? As minhas recordações mais antigas consistem na minha mãe a chorar hora após hora, lamentando a falta de dinheiro, a pobreza que minava a nossa vida. O meu pai parecia não a ouvir chorar. Se ela estivesse de bom humor quando ele chegava a casa, tudo ia bem. Se ela estivesse na cama, rodeada pelo aroma a alfazema, tudo ia bem do mesmo modo. O meu pai dedicava os serões a organizar a sua grande coleção de soldadinhos de chumbo e a reconstruir batalhas célebres. Antes de eu adormecer, estendia-se frequentemente ao meu lado, na cama, aflagava-me a cabeça e expressava o seu desgosto por a minha mãe ser tão sensível que, infelizmente, não era possível presentear-me com irmãos ou irmãs.

Cresci numa terra de ninguém, entre lágrimas e soldadinhos de chumbo. E com um pai que afirmava que, tal como um cantor de ópera, um empregado de mesa precisava de sapatos decentes se queria fazer o seu trabalho como deve ser.

Tudo correu de acordo com os seus desejos. Fomos ao restaurante. Veio um criado tomar nota do nosso pedido. O meu pai fez toda a espécie de perguntas complicadas e pormenorizadas acerca da vitela que acabou por encomendar. Eu tinha optado impulsivamente por arenque. Os verões passados no arquipélago haviam-me ensinado a apreciar peixe. O empregado deixou-nos em paz.

Foi a primeira vez que bebi um copo de vinho. Fiquei embriagado quase ao primeiro gole. No fim da refeição, o meu pai sorriu e perguntou-me que carreira tencionava seguir.

Não sabia. Ele investira muito dinheiro para me permitir continuar na escola. A atmosfera deprimente e os professores pobremente vestidos que patrulhavam os corredores malcheirosos não me tinham inspirado a pensar no futuro. Tratava-se essencialmente de sobreviver de dia para dia, de preferência evitando ser exposto como um dos que não tinham feito os trabalhos de casa e sem apanhar notas muito más. Todos os dias eram carregados de pressão e era

impossível imaginar um horizonte além do fim do período. Até hoje não consigo lembrar-me de uma única ocasião em que tenha falado acerca do futuro com os meus colegas de turma.

— Tens quinze anos — disse o meu pai. — É tempo de pensares no que vais fazer na vida. Estás interessado em trabalhar na restauração? Quando tiveres terminado os teus exames, podes ganhar o suficiente a lavar pratos para pagares a passagem para a América. É boa ideia ver o mundo. Só tens de ter o cuidado de arranjar um bom par de sapatos.

— Não quero ser empregado de mesa.

Fui muito firme nesse ponto. Não sei ao certo se ele ficou desapontado ou aliviado. Bebericou um gole de vinho, esfregou o nariz e, por fim, perguntou-me se tinha planos definidos para a minha vida.

— Não.

— Mas deves ter uma ou duas ideias. Qual é a tua disciplina preferida?

— Música.

— Sabes cantar? Isso seria uma novidade para mim.

— Não, não sei cantar.

— Aprendeste a tocar algum instrumento sem meu conhecimento?

— Não.

— Então por que gostas mais de música?

— Porque o Ramberg, o professor de música, não me presta atenção.

— Que queres dizer com isso?

— Só se interessa pelos alunos que sabem cantar. Nem sequer dá pela presença dos outros.

— Então a tua disciplina preferida é aquela que não frequentas verdadeiramente, é isso?

— Química também é boa.

O meu pai ficou obviamente surpreendido ao ouvir aquilo. Por um instante pareceu rebuscar na memória, recuando aos seus inadequados tempos de escola, perguntando-se se tivera alguma disciplina chamada química. Pareceu ficar enfeitiçado. Transformou-se diante dos meus olhos. Até então, as únicas coisas que tinham

mudado nele, ao longo dos anos, eram a roupa, os sapatos e a cor do cabelo (que se fora tornando cada vez mais grisalho). Mas agora passava-se algo de inesperado. Parecia atingido por uma espécie de impotência que eu nunca lhe vira. Embora se sentasse frequentemente na beira da minha cama, ou fosse nadar comigo na baía, mantinha-se sempre distante. Agora, ao mostrar a sua impotência, parecia muito mais próximo de mim. Eu era mais forte do que o homem sentado à minha frente, do outro lado da toalha de mesa branca, num restaurante onde um conjunto tocava música que ninguém ouvia, onde o fumo dos cigarros se misturava com perfumes pungentes e onde o vinho ia desaparecendo do seu copo.

Foi então que decidi o que ia dizer. Foi nesse preciso momento que descobri, ou talvez tenha forjado, o meu futuro. O meu pai fixou-me com os seus olhos azuis-acinzentados. Parecia ter recuperado do sentimento de impotência que se abatera sobre ele. Mas eu vira-o e nunca o esqueceria.

— Dizes que achas química boa. Porquê?

— Porque vou ser médico. De maneira que tenho de saber alguma coisa acerca de substâncias químicas. Quero fazer operações.

Ele fitou-me com uma evidente expressão de repugnância.

— Estás a dizer que queres retalhar pessoas?

— Sim.

— Mas não podes ser médico a menos que fiques mais tempo na escola.

— É isso que tenciono fazer.

— Para poderes remexer nas entranhas das pessoas?

— Quero ser cirurgião.

Nunca tinha pensado na possibilidade de ser médico. Não desmaiava à vista de sangue, nem quando tomava injeções; mas nunca tinha pensado numa vida passada em enfermarias de hospitais e salas de operações. Ao regressarmos a casa, a pé, nessa noite de abril, o meu pai um pouco cambaleante e eu, um miúdo de quinze anos, sob o efeito do meu primeiro copo de vinho, compreendi que não tinha respondido apenas às perguntas do meu pai. Tinha dado a mim próprio algo para que viver.

Ia tornar-me médico. Ia passar a vida a abrir corpos humanos.